

# Alienação nas ondas de rádio | Luiz Marques

19/08/2021

---

O companheiro e amigo Flávio Koutzii (Pedaços de Morte no Coração, 1984) conta em seu belo relato da atroz prisão, ao tempo das ditaduras civis-militares na América Latina, que os prisioneiros políticos inventaram “*periscópios*” (pequenas varetas com um caco de vidro na ponta) para controlar a circulação da guarda nos corredores dos cárceres. Assim, vigiavam os passos dos vigilantes. Metaforicamente, é o que faço em noites de insônia ao sintonizar uma emissora de rádio, em um programa apresentado por um jornalista de extrema-direita, com credenciais contrárias à qualquer sociabilidade democrática. Há vários, sei.

O comunicador em alusão já foi denunciado por homofobia, ao repudiar a possibilidade legal de gays e lésbicas formarem uma família com a adoção de crianças, em situação de abandono. Em resposta, retrucou com um falso “*argumento de autoridade*”, na ausência da correta “*autoridade de argumento*”. Alegou que sabia ao que se referia, pois é pai de um homossexual (sic). Jean Wyllys solidarizou-se com o filho e lamentou que o mesmo tivesse, por genitor, um “*homofóbico e ignorante*”. Como a estupidez sempre anda acompanhada de uma grosseria, doutra feita não hesitou em interromper a ligação telefônica de um deputado (de direita, do Partido Novo) por aquele defender a liberação controlada da maconha, ao vivo. Tema que considerou talvez suficientemente explicado pela expertise de... Osmar Terra: a personagem dispensa comentários. Com a descoberta de que até conservadores podem se mostrar progressistas, em temas de moral e costumes, a triagem de convidados para a programação passou a ter critérios rígidos. Gato escaldado tem medo de água.

A essas credenciais anticivilizatórias, o referido radialista soma o negacionismo da pandemia e atribui a propagação do vírus ao isolamento social, por paradoxal que soe. Seria de rir, se não fosse para chorar da criminosa desinformação. Ainda, defende o “*tratamento precoce*”, embora o próprio Ministério da Saúde já não se atreva a recomendar a famosa Hidroxicloroquina. No caso, seria de chorar, se não fosse para rir da patética tentativa de parecer mais realista que o rei, o monarca momesco tão indigno que desmente fake news (“*O relatório que divulguei do Tribunal de Contas da União / TCU, fui eu que escrevi*”) com novas mentiras (“*Eu me enganei*”). Incapaz de assumir no posto que ocupa o decoro que o cargo exige. Sim, desde a viciada campanha eleitoral que ungiu pelo voto o genocida à Presidência, com o beneplácito do Judiciário, das Forças Armadas, das forças econômicas e da mídia. A ordem dos tratores, aqui, não altera a lavoura. Isto é, o agronegócio.

Não me irrita na audição. Escuto os rompantes radiofônicos contra o conhecimento e a ciência com estoicismo, mas sem resignação. Presto atenção nas falas soberbas, com o rádio a pilhas de improvisado periscópio. Antes de abrir os microfones aos “*debatedores*”, com o espírito verde e amarelo da incorruptível CBF – o apresentador lê um monótono editorial. Neste, cita de forma provocativa parlamentares federais do PT, sem direito à réplica, enquanto atualiza a agenda política desfraldada no cercadinho do Palácio do Planalto. O *script* se repete à exaustão, sem criatividade, sem bom senso, sem vergonha. Veja-se:

a) O número de vítimas da doença pandêmica é discutível. Muitos morrem de câncer e, no atestado de óbito, consta Covid-19. Isso, em tese, desacredita os informes dos meios de comunicação e a “*narrativa*” sobre o gerenciamento calamitoso da crise sanitária no Brasil, por conta da estratégia de imunidade de rebanho que protelou a compra das vacinas. Eis aí, *en passant*, o crime de responsabilidade, previsto na Constituição (obrigação do governante de zelar pela vida e pela saúde do povo) para endossar o necessário *impeachment* de Bolsonaro. Ademais, serve à suspeição sobre os escândalos que a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) vem trazendo à tona. Não faltam médicos avulsos para referendar a pantomima do prestigeador, em troca de elogios egóicos pelo “*brilho intelectual*” (sic);

b) O Supremo Tribunal Federal (STF) não deixa o presidente governar. Isso explica o desgoverno que, com as facilidades para a aquisição de armamentos graças à edição de Medidas Provisórias (MPs), é aplaudido pelos Clubes de Tiro, os colecionadores de armas e as milícias. Fieis escudeiros dos horrores que parasitam o aparelho de Estado. O objetivo é fornecer uma satisfação à sociedade para a mediocridade que envolve os governantes e;

c) O Sistema, que engloba o Judiciário, as Universidades, a Rede Globo e apêndices como a Organização Mundial da Saúde (OMS), é cúmplice da esquerda (sic, deu solução). Não deseja acabar com a roubalheira e a corrupção que quebrou o país. Isso funciona como cautelar à visível e crescente erosão de popularidade da administração central e sua liderança, que confunde nação com gado estressado. O curioso é que na conceituação de elite, oferecida à ruminação do bolsonarismo, omite-se os banqueiros, os rentistas e as empresas multinacionais. O poder é caricaturizado, abstrai a finança. Ou seja, o chão onde se assenta a concreta dominação de classe. A tergiversação contenta-se com flandar, quixotesca, contra moinhos imaginários para o gozo em motocicletas. Artifício que oculta a subserviência aos verdadeiros donos do poder que, interna e externamente, nutrem-se de direitos retirados (previdenciários, trabalhistas, salariais) dos trabalhadores brasileiros.

Para encerrar o comentário, vale registrar que os programas de reprodução da alienação não deixam dúvidas pelas ondas transmissoras. Entre depoimentos ingênuos e/ou interessados, provocam o entorpecimento das consciências – e a transformação da despolitização em instrumento da política. Um jogo perverso, que em si condensa o projeto de destruição da democracia. Em momentos, com insinuações sobre a necessidade da violência. É como se todos(as), no estúdio e na escuta estivessem contaminados pelo “*mal-branco*” que propaga a cegueira. Qual acontece no celebrado romance de José Saramago, cuja epígrafe traduz um bom conselho a quem encontra dificuldades para conciliar-se com o sono, ao som dos despautérios protofascistas durante a noite: “*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*”.

- **Luiz Marques** é professor de Ciência Política da UFRGS, doutor pelo Institut D’Études Politiques de Paris (Sciences Po) e ex-secretário Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul (Governo Olívio Dutra).



Imagem de **erge** por Pixabay

Compartilhe nas redes: